



## ARQUIVOLOGIA DAS CORRESPONDÊNCIAS: OUTRA FORMA DE PENSAR O ESTUDO DAS CARTAS

## ARCHIVOLOGY OF CORRESPONDENCES: OTHER WAY TO THINK THE MAIL'S STUDY

**Sarah dos Santos Araujo\***  
**Universidade Federal do Amazonas – UFAM**  
[santossarah@outlook.com](mailto:santossarah@outlook.com)

Marlon Salomon em *Arquivologia das Correspondências*,<sup>1</sup> nos ajuda a refletir sobre a utilização das cartas na construção da história. Fazendo um percurso das mesmas enquanto fonte, o autor frisa que elas geralmente foram usadas: como instrumento de expressão literária; como elemento importante na construção de biografias, dando ensejo ao personagem que as escreveu. Mas, o seu caráter material e sua superfície como caminhos para além da construção de contexto de uma história a ser contada, não foram explorados em sua profundidade.

Com isso, o autor demonstra no preâmbulo do seu texto que existem restrições no campo de *estudos das cartas*, que seriam utilizadas preferencialmente para conhecer quem as escreveu, no que se refere a uma biografia por exemplo. Diferente de *estudar as cartas* e a produção de arquivos de correspondências que tem as missivas não apenas como fonte, mas também como objeto historicamente construído.

---

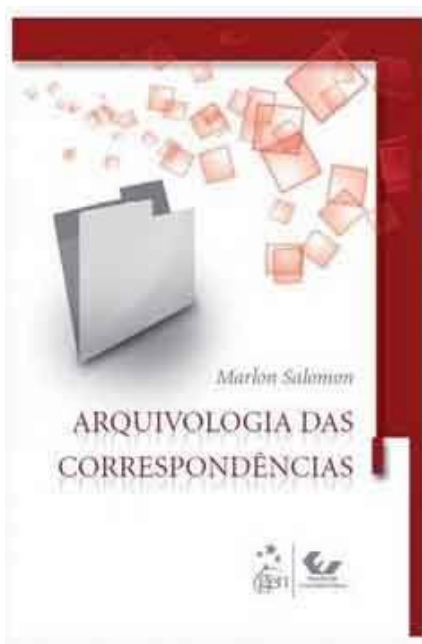
\* Graduada em História pela Universidade Federal do Amazonas, Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFAM) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas– FAPEAM.

<sup>1</sup> SALOMON, Marlon. *Arquivologia das Correspondências*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 56 p.

Geralmente, nos estudos biográficos, onde o autor das cartas surge como expoente a ser investigado, buscam-se nelas os vários aspectos que contribuem para a história da vida da pessoa em questão. A carta, nesse tipo de análise, surge como *componente* da história do personagem, do qual se busca construir uma trajetória, por exemplo. Ela é vista nesse caso como: objeto seguro de análises que o autor propôs chamar de *epistolologias*.<sup>2</sup>

Em contraponto à história das cartas ou das correspondências que busca reconstruir a vida de alguém por meio das missivas, essa outra forma de pensar o estudo das cartas mostra-nos que as mesmas surgem como objeto que possui uma trajetória independente do autor que pousou as palavras sobre o papel. É um documento que necessita ser historicizado e sua função como fonte principal foi agenciada no trabalho de Marlon Salomon por meio de uma *arquivologia das correspondências*.

Assim propõe uma discussão que saia do mero uso das cartas para construção



das andanças de personagens consagrados da história, para chegar à história das cartas, e, ao fato de sua existência dentro de determinado contexto. Vê-las como documentos que marcam um percurso próprio, que são um verdadeiro acontecimento a ser problematizado. Deste modo, resume que: “A epistolologia lida com o sentido contido em uma vida. A arquivologia trata do arquivo como o ‘próprio excesso de sentido’”.<sup>3</sup>

Salomon destaca a oposição entre esses dois temas, para adentrar ao mundo de possibilidades com análise das e pelas cartas, pensando a arquivologia das correspondências como objeto para visualizar as condições históricas que determinam em certa sociedade e em certo momento, quem pode e tem *tempo*, para escrever e falar de si para outros.

<sup>2</sup> SALOMON, Marlon. **Arquivologia das Correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 2.

<sup>3</sup> SALOMON, Marlon. **Arquivologia das Correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 4

Na discussão que propõe dá ênfase ao discernimento e tratamento a ser dado no estudo das cartas. Salomon saiu do método que as analisa primordialmente pelo “autor ou data” disposto nelas. Como exemplo, buscou o sentido no interior da composição da massa documental dos imigrantes, surgida em meados dos anos de 1850, vendo as múltiplas temporalidades dentro desse contexto migratório.

Tratou assim, da materialidade da correspondência, vê-las como objeto de uma prática. Cartas como um dispositivo de produção de subjetividade. De modo que, o trabalho do historiador não seria apenas usar as cartas como fontes de informação, mas transformá-las em exemplo do vivido, de um processo. Como disse Salomon ao citar Arlette Farge: “é o arquivo-prova”, prova de um processo que o historiador restitui através da ciência de tornar claro em dado contexto, o que antes era visto apenas como apêndice ilustrativo de um momento.<sup>4</sup>

As cartas vistas como práticas constituem o espaço de efetividade de uma história. E essa história pode ser revelada na observação dos arquivos. Com isso, é importante pensar a singularidade do arquivo, não apenas como um conjunto de papéis, mas como um acontecimento, que precisa ser problematizado. E é nessa linha de pensamento que Salomon busca compreender as condições que tornaram possíveis a existência dos arquivos de imigrantes da segunda metade do século XIX, que também foi objeto de seu estudo em *As correspondências. Uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*.<sup>5</sup>

Para isso, em “Arquivologia das correspondências” o autor retoma a escrita de cartas do século XVIII, mais especificamente a dos governadores de capitania, para entender a dinâmica da existência destas cartas em sua singularidade. Entra nesse âmbito, para pensar a transformação pela qual a carta passa, vendo como se constituía no XVIII e como será sua representação nesse outro espaço no século XIX. Põe em questão a função que elas ocupam nesses distintos momentos.

Na primeira parte do seu texto, começa trabalhando “O Governo de Si e o Exercício do Mando: Arquivos do Poder Soberano” no qual verificou o tipo de utilização

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 40.

<sup>5</sup> Id. *As correspondências. Uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Florianópolis: Edufsc, 2002.

feita das cartas no século XVIII, por meio das condutas dos governadores de praças para entender a dinâmica desse exercício de governo de si e governo de outros. Para isso, recorre às correspondências administrativas trocadas pelos governadores, que são discutidas como “arquivos prova” da *arte de governar*.

Salomon reflete sobre a moral dos governantes em seus exercícios de si na vida pública de direção das praças. Problematiza o governo, e a partir dele conjectura sobre o ato de governar que era definido como defender e conservar os domínios do soberano. Tendo o governo de si representado na praça<sup>6</sup> conduzido em boa administração, e na obediência dos súditos o alcance da boa governança. Encargo de valor maior nas competências do dirigente local.

Era na boa direção das praças que os valores eram representados e na condução de sua boa administração que se promovia o ideal da época moderna de governar as possessões ultramarinas. Mas, para que o governante soubesse como conduzir sua praça da melhor maneira possível, recorria principalmente ao conhecimento dos “veteranos” no ato de governar. Nesse ponto, o autor estabelece a conexão com as cartas que surgem no século XIX, verificando como se configuravam as comunicações dos governadores nas correspondências para conduzir sua praça, e em como essas trocas de cartas vão tomar outro rumo, quando na segunda metade do XIX.

Desdobra a questão das comunicações do XVIII, na produção de arquivos que os soberanos das praças constituem na busca por orientação de governo. Como eles utilizam o tempo de forma distinta do que vai ser no século seguinte. Demonstrando ao final da primeira parte que a prática de se corresponder entre os governantes estava ligada a uma necessidade de “conhecer sobre”, movido pela noção de governo da época. Quando essa noção muda, governar não é mais conservar o território e conduzir satisfatoriamente sua praça, mas sim, conservar e aumentar o número da população local. Evidencia com isso, a ruptura na forma de utilização do tempo que vai ser o acontecimento mediador para a mudança de caráter da escrita de cartas.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Praça em termos militares no período colonial era a palavra genérica, com que se denominava qualquer lugar fortificado com muros, reparos, baluartes flanqueados, e etc. Ver verbete “Praça” – dicionário Raphael Bluteau - <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/Pra%C3%A7a>.

<sup>7</sup> SALOMON, Marlon. **O saber do espaço**: ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX. 2002. Tese (Doutorado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

Na segunda parte do livro, vai adentrar diretamente ao objeto do seu interesse que são as cartas dos imigrantes do período posterior a 1850. Vendo-as como novidade fundamental de modos de existência de um universo que se reconfigura vislumbrado por meio dos estudos das cartas em suas várias possibilidades. Cita-os: o crescimento da intimidade na Europa do final do XVIII, a constituição de uma esfera de privacidade e do recolhimento da família em torno de si, e os condicionamentos, além dos progressos na alfabetização.

Começa então a analisar o momento em que os imigrantes no contexto de seu movimento para o Brasil, ou já nele, recolhem-se a si mesmos para escreverem aos familiares em meio às adversidades do percurso, ou para transpor a distância de um oceano que os separava. Vê como o sentimento de pertencimento familiar anima essa escrita e, como a expectativa do lugar em que vão chegar influencia as perspectivas que depositam na escrita. Ou ainda, a forma como representam o que veem na terra que passaram a viver.

Diferente do que acontecia no século XVIII, quando a escrita era associada à função administrativa, destinado a nobreza, mostra-nos como a partir de 1850 encontram-se os homens comuns relatando, descrevendo, falando, pensando, por meio das cartas. Mas, para que esse homem pudesse transformar sua vida em objeto de relato, foi necessário que o próprio estatuto das cartas se transformasse. Por que de outra forma, as vozes de pessoas que não sabiam escrever, não deixariam um rastro sequer para que o historiador pudesse vislumbrar suas existências.

Salomon trata as cartas dos imigrantes como excesso de sentido que ocorreu com a mudança de uma lógica de contexto, na qual a divisão do trabalho e a relação com o tempo se reconfiguraram. O trabalho era dividido em intelectual e manual, e o tempo era utilizado de maneira distinta aos que se dedicavam a diferentes funções. A ruptura se fez, de acordo com o autor, por meio da conexão com outras linhas de temporalidades que se entrecruzaram e se articularam entre si, com outros tempos que são inflectidos no presente. Nesse aspecto, o autor demonstra sua inspiração no filósofo Michel Foucault que trabalha o acontecimento e não sua interpretação na busca de uma verdade. O que se procura são os sentidos que um acontecimento toma em dado contexto, entrecruzando suas relações ao longo do tempo para compreendê-la em seu regime de verdade.

Dessa forma, exemplifica com a seguinte citação de uma imigrante, que outrora, não teve importância em muitas análises: “Agora tenho tempo para lhes escrever”<sup>8</sup>, demonstrando, uma fratura na ordem social e na ordem do discurso, um rompimento com o seu tempo, que em outra época estaria fora do alcance de uma lógica na qual o homem comum não teria ocasião para escrever, já que seu trabalho era manual e não intelectual de pensar ou escrever sobre si.

Ainda nos relatos dos imigrantes, avaliou a caracterização da não verdade construída nos discursos ou definida como não verdade. O que era relatado e foi demonstrado por Salomon era a esperança de uma nova vida, e não apenas uma propaganda ou publicidade do tão falado “novo mundo”, não era apenas uma simples fantasia, mas desejos de futuro. Um futuro vislumbrado no presente, esboçado, desejado e escrito nas cartas como arquivos de sonhos.

Na parte final de seu livro destaca a importância de tentar ouvir as diversas vozes que ecoam nesse documento, não apenas a escrita pela escrita, mais o que está além do dito no papel. O trabalho do historiador é estar atento às palavras que então se apresentam sobre a superfície das cartas, vendo-as no cerne do relato histórico sem sufocá-las no contexto. As cartas para o autor são superfícies de palavras, e os arquivos como blocos de superfície de palavras. De tal modo, a função do historiador ao estudá-las deve estar em produzir novas superfícies com outras superfícies de palavras na escrita da história. Sair do excesso teórico de ver apenas nas massas e nos números a significação para um processo, e buscar no excesso de sentido das palavras das cartas a construção de novas possibilidades.

Assim, demonstra um distinto regime de verdade representado nas palavras escritas nas cartas desses imigrantes. Palavras que mudaram a configuração de um contexto histórico, no qual as pessoas comuns tornaram-se agentes da ação. Tirando as cartas da categoria de meros informativos sobre um dado tempo, transformando-as em acontecimento. Acontecimento aprofundado e discutido em pormenores por Salomon nas linhas que representam sua “Arquivologia das correspondências”.

---

<sup>8</sup> SALOMON, Marlon. **Arquivologia das Correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 43.

**RESENHA RECEBIDA EM MARÇO DE 2013.**

**PUBLICADA EM JUNHO DE 2014.**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)